

Economia Brasileira

Chances e dúvidas

• No último dia útil do ano passado o dólar caiu mais um pouco, alimentando as esperanças de um ano bom. O câmbio é a variável chave. Se ele cai e se mantém equilibrado será mais fácil crescer, cumprir a meta de inflação, derrubar os juros. Com crescimento econômico e juros mais baixos é mais fácil reduzir o déficit público. Há boas chances em 2000, mas ainda há muitas dúvidas.

Câmbio, inflação, crescimento, balança comercial, déficit, conta corrente, desemprego, juros, como ficarão todos estes indicadores em 2000? Difícil resistir à tentação de responder: depende! Principalmente depois de um ano em que as bolas de cristal quebraram. Vamos por partes.

Câmbio — A previsão era de que só agora o dólar começaria a cair. E ele caiu de um pico de R\$ 2 no final de outubro para R\$ 1,80, na última quinta-feira. Não houve a corrida dos capitais para fora por medo do bug do milênio, nem houve a rejeição aos emergentes latinos na troca de governo na Argentina. A redução da oferta do dólar foi vivida em agosto e setembro, e o fim do ano foi tranquilo.

Durante o ano a volatilidade deve continuar, segundo acreditam os analistas mais experientes do mercado. Mas a aposta mais comum é de um ano sem saltos violentos. A torcida é para que a estabilização da moeda americana ocorra num nível não muito alto que pressione os preços internos, nem muito baixo que prejudique a anêmica recuperação da balança comercial.

Balança — Há vários sinais de aumento do preço das commodities exportadas pelo Brasil. Se o preço destes produtos foi a grande explicação para a pífia performance das exportações brasileiras em 99, agora há chances de melhorias. As projeções do mercado são todas de superávit este ano, mas poucos apostam em um saldo vigoroso. Os economistas sustentam a tese de que haverá uma virada na balança, até por uma questão de fé. O que mais dizem é que não há registro de uma desvalorização real desta magnitude sem reação das exportações. É bom ponderar dois pontos: com crescimento econômico, as importações aumentam; se os preços das commodities exportadas aumentar muito será bom para a balança comercial e perigoso para os preços internos.

Inflação — Estudos feitos por economistas comprovam que o segundo ano após uma desvalorização traz também risco inflacionário. O *carry over* do choque cambial se somará ao impacto dos preços indexados. Os preços de energia, por exemplo, subirão nos aniversários dos contratos de concessão. As empresas terão o direito de repassar a inflação alta acumulada nos últimos meses de 99.

O ano 2000 começa com a inflação em queda forte. Nas próximas semanas, o país vai colher uma safra de números descendentes. No último mês de 99, os alimentos começaram a cair. É sazonal. O problema é que a queda pode não ser suficiente para levar a taxa do IPC-A acumulada em doze meses dos 9% em dezembro para 7,5% em março, ou 7% em junho. Muitos economistas consideram pos-

sível o não cumprimento das metas nos dois primeiros trimestres do ano. Até o Banco Central teme isto. Mas há uma margem de erro e a inflação deve ficar no limite superior.

De qualquer maneira, num ambiente de algum crescimento, há risco de que a inflação industrial, que terminou 99 em 20%, seja repassada aos preços ao consumidor.

Crescimento — A julgar pelas análises feitas pelos economistas, entra política cambial, sai política cambial e o crescimento permanece eternamente prisioneiro dos dilemas. Se crescer, o câmbio pega, ou a inflação aumenta.

Por isto todas as apostas convergem para taxas de crescimento modestas. Só os mais otimistas confirmam os 4% do Governo. Até o Banco Central já fez um pequeno deságio na taxa e acredita em 3,5%.

Há uma coincidência: todas as previsões são de crescimento. Ninguém pensa em estagnação ou recessão. O país estará melhor do que no ano passado.

É bem verdade que depende de todos os outros indicadores. Com inflação menor e câmbio estabilizado, os juros poderão cair, o que melhora as condições para o crescimento. Neste fim de ano a demanda aumentou, mas não num nível que prenuncie forte retomada.

Desemprego — A melhora do quadro econômico evidentemente tem impacto positivo no desemprego conjuntural. Mas para a redução sistemática da taxa de desemprego será preciso forte crescimento econômico, esforço concentrado em qualificação do trabalhador e mudança da forma de calcular o índice. Áreas dinâmicas do interior permanecem totalmente ignoradas pelas estatísticas.

Déficit — Produzir pelo segundo ano consecutivo um superávit primário de grande magnitude é difícil. Fica mais fácil com o país crescendo e com juros mais baixos. A única pendência continua sendo a cobrança dos inativos. O ano herda velhos impasses ainda não resolvidos nas contas públicas, como a questão da Previdência.

Conta corrente — A balança comercial com superávit e a necessidade de amortização menor tornam mais fácil o financiamento das contas externas em 2000. O que aumenta a chance do equilíbrio no câmbio.

As chances são de um ano mais tranquilo em 2000, até por que o cenário externo também parece mais animador: a Europa cresce, com destaque para a Alemanha; a Ásia cresce forte e até o Japão pode confirmar as boas expectativas; a América do Sul deve sair do buraco em que entrou no ano passado. Mais crescimento no mundo, mais mercado e preço para as exportações brasileiras. O que alimenta o círculo virtuoso no qual sonhamos entrar em 2000.